

**Os jardins do terreiro Axé Ilê Obá um patrimônio cultural paisagístico.**

*Los jardines del terreiro Axé Ilê Obá son un patrimonio cultural escénico.*

**Eunice Gonçalves Queiroz**

Professora Mestre, UFBA, Brasil  
egqueiroz@aol.com

**Henrique Cunha Junior**

Professor Doutor Visitante, UFBA, Brasil  
henriquecunhaafricanidade@gmail.com

## RESUMO

Terreiros de candomblé são partes do patrimônio cultural da população negra pouco tratado na literatura sobre cidade de São Paulo - Capital. Na filosofia religiosa africana a natureza é indissociável da vida humana, e os seres humanos divinizaram os seres da natureza. Dentro desta cultura sem folhas não se processa o candomblé; e dessa perspectiva de terreiro na cidade de São Paulo e da importância da área ajardinada, é que esse artigo se organiza. Este artigo é parte de pesquisa de mestrado realizada no terreiro Axé Ilê Obá, no Bairro do Jabaquara na capital paulistana, terreiro patrimonializado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico no estado de São Paulo. A cidade de São Paulo foi edificada por populações negras no período do escravismo criminoso embora na história cristalizaram-se apenas as marcas da imigração europeia. O terreiro é compreendido em escalas da memória e ancestralidade e da sua materialidade entre os objetos, a natureza cultivada e venerada, as edificações e sua inserção no território urbano. As culturas africanas desenvolveram uma história milenar de conhecimentos científicos que foram conservados pelas religiões e transmitidos para cultura brasileira, sendo que as competências culturais e profissionais da população negra ficaram dentro de um enorme apagamento devido a história ser registrada somente pelo escravizador. A presente preposição se justifica no sentido de resgate e explana sobre o paisagismo no espaço desta cultura negra com sua competência profissional que contribui socialmente e ambientalmente no urbanismo da maior cidade do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terreiro de candomblé. Afrodescendente. Natureza e paisagismo.

## SUMMARY

*Los terreiros de candomblé son partes del patrimonio cultural de la población negra que son poco discutidas en la literatura sobre la ciudad de São Paulo - Capital. En la filosofía religiosa africana, la naturaleza es inseparable de la vida humana y los seres humanos han deificado a los seres de la naturaleza. Dentro de esta cultura sin hojas, el Candomblé no se procesa; y desde esta perspectiva del terreiro de la ciudad de São Paulo y la importancia del área de jardín, se organiza este artículo. Este artículo forma parte de una investigación de maestría realizada en el terreiro Axé Ilê Obá, en el barrio de Jabaquara, en la capital de São Paulo, terreiro protegido por el Consejo de Defensa del Patrimonio Histórico, Arqueológico, Artístico y Turístico del estado de São Paulo. La ciudad de São Paulo fue construida por poblaciones negras durante el período de la esclavitud criminal, aunque en la historia sólo cristalizaron las huellas de la inmigración europea. El terreiro es entendido en escalas de memoria y ascendencia y su materialidad entre objetos, naturaleza cultivada y venerada, edificios y su inserción en el territorio urbano. Las culturas africanas desarrollaron una antigua historia de conocimiento científico que fue preservada por las religiones y transmitida a la cultura brasileña, y las habilidades culturales y profesionales de la población negra fueron en gran medida borradas debido a que la historia fue registrada únicamente por el esclavizador. Esta preposición se justifica en el sentido de rescate y explica el paisajismo en el espacio de esta cultura negra con su competencia profesional que contribuye social y ambientalmente al urbanismo de la mayor ciudad de Brasil.*

**KEYWORDS:** Candomblé terreiro. Afrodescendiente. Naturaleza y paisajismo.

## 1 INTRODUÇÃO

As questões dos patrimônios culturais têm sido muito debatidas nos últimos cinquenta anos em função da democratização dos direitos sociais, do reconhecimento das identidades culturais e étnicas e do combate ao eurocentrismo como forma de dominação. Os patrimônios culturais também fazem parte das pautas dos movimentos sociais de combate ao racismo e as intolerâncias religiosas. Encontra-se relacionado com o direito a cidade onde todos os grupos sociais e culturais reivindicam o direito a representação pública. Com relação a população negra, cultura negra, religiões de matriz africana as questões dos patrimônios encontram-se em processo de desenvolvimento com avanços significativos desde 1995, quando o estado brasileiro reconheceu a existência de racismo no Brasil e iniciou a promoção de políticas públicas de afirmação da igualdade entre populações negras e brancas. O reconhecimento dos patrimônios culturais da população negra faz parte de um processo cultural em processo e dentro dela as questões específicas da cidade de São Paulo e da existência e atuação dos terreiros de candomblé. A cidade de São Paulo não é popularmente reconhecida como da existência de populações negras e nem de culturas negras como é caso do candomblé paulista. Nesse contexto é que se justifica e se desenvolve esse artigo.

Como marcador dos discursos público dos governantes, São Paulo é divulgada como a terra dos bandeirantes e também como terra dos imigrantes. É comum se ouvir falar em imigrações das populações europeias e como elas contribuíram para o desenvolvimento de São Paulo - Capital, mas, sua chegada em terras brasileiras data da década de 1870, onde segundo Sousa (s/d – n.p.) ” a partir da década de 1870, a entrada de trabalhadores europeus no Brasil passou a ser oficialmente organizada pelo governo”. No entanto retomando a história da cidade de São Paulo se constata que parte de duas edificações, a consequência do período do escravismo criminoso e da ação de populações negras. Sendo que na história oficial cristalizaram-se apenas as marcas da imigração europeia, ficando presente um processo histórico de descaracterização da construção da cidade com a participação das populações negras. Dessa forma é que se reforça a importância do artigo aqui apresentado.

Não difícil de constatar através de revisões da bibliográfica que os trabalhos de arquitetura e urbanismo sobre a cidade de São Paulo pouco tratam da presença urbana de populações negras, das culturas negras e das religiões de matriz africana nessa cidade. Como também pouco se estuda da história e organizações dos terreiros, da inserção urbana desses e da relação desses com natureza e da produção de espaços verdes.

“A área de conhecimento científico brasileiro tem dificuldade em relacionar a história do Brasil e das cidades brasileiras, como sendo a mão de obra profissional trazida das experiências urbanas e rurais africanas”. (CUNHA JUNIOR, 2020, p. 373). “Também encontra dificuldade de explicar sobre o conhecimento técnico contido nas profissões urbana da população negra, como o da taipa de pilão, da carpintaria e marcenaria, dos engenhos de ferro e trabalho de ferreiros”. (CUNHA JUNIOR, 2024, p. 2). “Onde a participação profissional da população negra na produção da cidade fica invisibilizada. Da mesma maneira que instalação de terreiros de umbanda e candomblé. De igrejas das irmandades de pretos e pardos” (SANTOS; GHIRARDELLO, 2021, p. 740) e também de associações recreativas negras como as escolas de samba e os locais de bailes negros.

Sendo este artigo parte de pesquisa de mestrado realizada no terreiro Axé Ilê Obá, no bairro do Jabaquara na capital paulistana. Terreiro patrimonializado pelo Conselho de Defesa do

Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico no estado de São Paulo (CONDEPHAAT) em 1990 sendo o primeiro na sua categoria nesta capital.

Esta proposição se justifica pois possibilita a desmistificação de temas poucos entendidos e mal interpretados. Terreiros de candomblé são partes do patrimônio cultural da população negra existentes e atuantes, mas, pouco tratado na literatura sobre cidade de São Paulo. Na filosofia religiosa africana a natureza é indissociável da vida humana, e os seres humanos deste grupo divinizaram os seres da natureza. Sem folhas não se processa o candomblé; dessa perspectiva de terreiro e de sua importância da área ajardinada, como também de sua geografia na Cidade de São Paulo - capital é que este artigo se organiza e estuda a composição paisagística, examina as principais árvores e os seus significados religiosos.

## 2. SÃO PAULO – CAPITAL SUA GEOGRAFIA E ECONOMIA

A cidade de São Paulo, fundada em 1554, foi desenvolvida ao longo do escravismo criminoso sendo que grande parte da sua história conteve uma maioria de população negra. As políticas imigratórias da república impuseram o estabelecimento de uma grande população branca de origem europeia somente no início do século XX. Entretanto a história da cidade e da sua população não registra devidamente a presença das populações negras e nem as suas contribuições na formação urbana, um período de entre 1554 a 1900.

Pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022, n.p.) a cidade de São Paulo tem uma população de 11.451.245 habitantes, sendo o estado de São Paulo com 44.420.459, dentro do Brasil com uma população total de 203.080.756. Desta forma 17% da população total do Brasil está concentrada nesta cidade. Conforme pesquisa realizada no Portal da Indústria – São Paulo, (s/d – n.p.) que congregam: a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a Serviço Social da Indústria (SESI), o Serviço de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), São Paulo possui Produto Interno Bruto (PIB) industrial de R\$ 518,3 bilhões, equivalente a 26,0% da indústria nacional, emprega 3.056.837 trabalhadores na indústria e é o maior PIB do Brasil, com R\$ 2,2 trilhões.

Com números tão significativos, São Paulo figura hoje entre a quinta cidade mais populosa do mundo. Segundo o site BBC News Brasil (2014, n.p.), São Paulo é o coração econômico da maior economia da América do Sul, e tem a maior bolsa de valores (da região). A maior cidade e a capital comercial do Brasil se tornou sede da operação de várias empresas para a América Latina [...].

Constata-se que esta cidade é um local de fortíssima dinâmica capitalista e é neste cenário dentro desta metrópole que se analisará a proeminência do terreiro de candomblé Axé Ilê Obá, local em que há resgate de cultura afrodescendente e continuidade da natureza que foram preservados, revitalizados e dados continuidade na diáspora paulistana.

Dentro da dinâmica de desenvolvimento da metrópole São Paulo, estabeleceram-se bairros antigos incorporados à cidade de formas diversas. O bairro do Jabaquara entra para cidade de forma histórica, ligada a quilombos. Sendo que foi uma região de sítios de lazer das classes abastadas no início do século XX. Que devido a presença da Igreja católica como centro de devoção tem parte do seu crescimento associado ao fenômeno religioso cristão. Tem como marcos decisivos das demarcações das classes médias e do interesse imobiliário de alto padrão a implantação do aeroporto de Congonhas em 1940 e do parque do Ibirapuera em 1954.

Nesta dinâmica espacial urbana que impuseram o predomínio das populações brancas de descendência europeia, e dos valores religiosos europeus, que se estabeleceu a contradição aparente da instalação de um grande terreiro de candomblé, estando entre os maiores do Brasil em área construída. A seguir na Figura 1 – mapa geográfico do estado, da cidade e do bairro do Jabaquara em São Paulo – Capital.

Figura 1 – Mapas do estado de São Paulo da região metropolitana de São Paulo e do bairro do Jabaquara.



Fonte: Dados Copilados pelos Autores, 2024.

### 3. HISTÓRICO DO PASSADO ESCRAVISTA DO BRASIL

Oficialmente, o escravismo criminoso no Brasil começou no século XVI (1500) e durou até 13 de maio de 1888, somando-se 488 anos oficiais de produção por escravizados. Macedo (2014, p. 107) nos relata que do século XV ao XIX, dez milhões de pessoas foram deslocadas do continente africano para as Américas. Há controvérsias quanto aos números exatos, sendo que deste número estimado, quarenta por cento veio para terras brasileiras. Berlin (2006, p. 208) faz uma conta inversa, onde calcula que vieram para as Américas um número de quatorze milhões de pessoas traficadas, onde boa parte tenha sido deixada na América do Sul em portos brasileiros. Existe dificuldades de precisão dos números, sendo um dos fatores estruturais desta imprecisão de números de pessoas traficadas foi que em 14 de dezembro de 1890, Ruy Barbosa, ministro da Fazenda, despacho (Estadão Acervo, 2015, n.p.) ordenando a destruição de documentos referentes à escravidão. Conforme trechos do despacho, o mesmo pedia que: "os registros sobre servidão fossem enviados para a capital, onde se procederia a queima e destruição imediata deles". No documento, o político chamava a escravidão de:

"Instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade e infeccionou-lhe a atmosfera moral ". E, dizia que a república era "obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria e em homenagem aos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que a abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira." (ESTADÃO ACERVO, 2015, n.p.)

#### 4. A CIDADE DE SÃO PAULO E SUA HISTÓRIA DE POPULAÇÃO NEGRA.

A cidade de São Paulo tem o ano de sua fundação em 1554, essa região segundo Antunes (2010, n.p.) foi uma das sesmarias, ou seja, um lote de terras distribuídos a um beneficiário pela coroa portuguesa, aos padres: Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, época onde a estrutura de mão de obra do Brasil colônia, era a escravidão.

Entre os trabalhos destinados aos negros, Luna (2009, p. 55), nos esclarece que os poucos negros que estiveram na cidade nos primeiros séculos trabalhavam em serviços domésticos e atividades agrícolas, atendendo aos religiosos e a sociedade civil.

Contudo, há um peso e relevância na presença deste grupo, fato que pode ser comprovado a partir da existência de uma irmandade de negros católicos na cidade, já no primeiro quartel do século XVIII, em 1721, e qual possuíam bens:

Os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A qual ao longo do tempo se consagra entre os vinte proprietários detentores de maior patrimônio imobiliário urbano de São Paulo no ano de 1809, possuindo nove imóveis estimados em Rs115\$280 réis. (LUNA, 2009, p. 34)

Agora Ribeiro (2016, p. 115) nos acrescenta que em 1870 tal aporte ampliou-se para Rs688\$599 réis, composto de compra e locação de casebres situados nas proximidades da Igreja, comércio em serviços de alfaiataria, confeitaria e tabacaria, com serviços elitizado que se formavam a partir da rua Direita, local destinadas aos novos hábitos do grupo cafeeiro

A população negra sempre lutou contra o sistema escravista e formavam novos grupos. Santos (2019, p. 112) o primeiro bispo, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, já em 1750 apoiava as investidas do governador Luís Mascarenhas contra os quilombos existentes nas proximidades de São Paulo. Houve limitação do ir e vir, Souza (2004, p. 298) a Câmara Municipal tomou medidas contra os negros no início do século XIX, restringindo o estar na rua à noite no ano de 1832, e do exercício da capoeira em praças, ruas ou casas públicas em 1833. Santos (2019, p. 119) também reforçando de proibição das danças e a cobrança de Rs0\$320 réis como pagamento dos escravos aos párocos na encomendação de defuntos.

É real que houve um aumento do grupo negro que culminou com o crescimento do café. Santos (2019, p. 111) o cultivo do café, que começou em meados do século XVIII na região Norte, teve o seu auge no século XIX, e São Paulo passou a ser uma cidade importante e densamente povoada. Constata-se a quantidade de negros duplicar ao longo do século XIX. De acordo com Luna (2009, p. 101), em 1803, a quantidade de negros na cidade seria estimada em trinta e seis mil pessoas, sendo 44% deste o número de escravos. Santos (2019, p. 111) Entre os anos de 1766 e 1769 parte deste contingente de escravos migrados de outras partes do país.

##### 4.1 O bairro do Jabaquara

O local intitulado bairro do Jabaquara na cidade de São Paulo – Capital foi reduto de escravos no início do século XIX, (Oliveira, 1997, p. 48) mais especificamente negros de origem bantu, os quais construíram em grande parte esta cidade. Uma vez que a regra à época era o trabalho escravo. Quando se analisa a que grupo africano pertencia aos escravizados negros trazido para São Paulo é possível ter o histórico de locais mais relevantes e a cultura predominante disseminada à época naquele local.

Em outras palavras, sob a denominação de "gentio da Guiné" e "negro da Guiné", entraram no Brasil escravos procedentes de toda a costa ocidental africana, da Gâmbia ao Congo, durante a segunda metade do século XVI, [...] Os especialistas no estudo do tráfico para a Bahia convencionaram chamar de Ciclo da Guiné ao primeiro período desta atividade, [...], tendo em vista seu uso generalizado nos documentos da época. (OLIVEIRA, 1997, p. 52)

Neste local no início do século XVII, Oliveira (2008, p. 80) servia como ponto de descanso para viajantes que tinham como destino a região de Santo Amaro e a Borda do Campo. O seu nome é originário do tupi guarani YAB-A-QUAR-A, que significa rocha ou buraco. Antunes (2010, n.p.) Foi de início lugar de trânsito de tropas de mula, depois fazendeiros e sitiantes começaram a chegar à região para abrir estabelecimentos agrícolas e comerciais. Oliveira (2008, p.103) no fim do século XIX, a localidade se popularizou de vez com a instalação, por parte da Prefeitura de São Paulo, do Parque do Jabaquara.

#### 4.1.1 Sítio da Ressaca no bairro do Jabaquara

Complementa-se que nesta localidade do bairro do Jabaquara há histórias controversas, onde, na época do seu povoamento existia mata deserta que servia de abrigo para os escravizados fugidos, ou um buraco onde os negros eram jogados até serem distribuídos, daí a dúvida do local ser intitulado por Sítio da Ressaca ou Buraco da Ressaca, também o significado em guarani deixa dúvidas. Neste local existe uma casa que conforme relatos dos filhos do terreiro Axé Ilê Obá havia um buraco dentro do seu cômodo. Com referência a sua construção é constatado que a sua técnica construtiva é "Taipa de Pilão", que consiste em socar o barro com a mão de pilão entre pranchas verticais de madeira também chamada de Taipal, formando-se assim as paredes externas com cerca de 50 cm de espessura e as paredes internas eram originalmente de pau-a-pique. Essa técnica de origem árabe foi amplamente utilizada pelos novos moradores paulistas. Sobre as várias técnicas de construção, Sato (2011, p. 1) nos acrescenta que a construção com terra crua existe há aproximadamente mais de dez mil anos, ou seja, desde que a humanidade criou o hábito de construir cidades. Foi utilizada, principalmente, em regiões como a Mesopotâmia (nos Jardins da Babilônia) Egito Antigo, e na Muralha da China, construída em terra no ano de 3.000 a.C. Essa técnica teve origem nos povos, Pisani (2006, p. 10) árabes e berberes, e recebeu a denominação de taipa de pilão por ser socada (apiload) com auxílio de mão de pilão. Nas Figuras 2 e 3 duas vistas da casa construída com a técnica de Taipa de Pilão, existente atualmente no bairro do Jabaquara e chamado de Sítio da Ressaca.

Figuras 2 e 3 – Sítio da Ressaca no bairro do Jabaquara.



Fonte: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_m\\_z/pauloduarte/index.php?p=30477](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/pauloduarte/index.php?p=30477)

## 5 CONHECIMENTO AFRICANO TRANSFERIDO PARA A DIÁSPORA

É recorrente historiografias excessivamente simplificadas retirando de pessoas escravizadas e seus descendentes de qualquer papel transformador histórico. Neste tópico analisa-se a história de alguns produtos e comércios inseridos na cultura africana anterior a europeia que se perpetuaram na diáspora, mas que indevidamente são dados como origem a outros grupos. É importante entender que existiam naquela época vários grupos negros livres. Berlin (2006, p. 57) nos conta que em seu trabalho que as “Gerações da Travessia” são os grupos iniciais de africanos trazidos para a América. Berlin nomeia esses como crioulos do Atlântico, uma vez que eram um grupo de origem não somente africana, mas também europeia.

A formação desse grupo deu-se pelo contato ocorrido em virtude do estabelecimento de feitorias e pontos comerciais europeus na costa oeste da África a partir do séc. XV. Desta relação surgiram os crioulos, um terceiro grupo, o qual não era reconhecido nem como europeu e nem como africano. Esses crioulos eram extremamente hábeis no comércio, tinham maleabilidade e conhecimentos para ir e vir tanto no mundo dos europeus como no dos africanos. A despeito das vantagens comerciais e linguísticas, esse aspecto limítrofe do crioulo trazia dificuldades na sua identificação com determinados grupos detentores do poder e, por conseguinte, na obtenção de proteção por parte destes. (BERLIN, 2006, p. 133)

Já Harris (1992, p. 115) tem ponto de vista semelhante, onde entende que a diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo de um continente ao outro também ocorreu por vontade, essa antiga presença de negros livres no exterior pode elucidar muitos fatos, e entre os que foram por vontade própria, destacam-se negros livres, comerciantes, eclesiásticos, marinheiros e aventureiros.

Um fato relevante, é que as dinâmicas europeias de população tinham a presença de africanos devido a expansão das populações mouras na região do Senegal e em razão do Império Almoravita, que ocupou a península ibérica por 700 anos colonizando a região. Passados os fatos da idade média o estado português, nas lutas pela ocupação de territórios africanos, aprisionou número significativo de africanos e implantou a escravização. Mas com moldes diferentes que se vivenciou a partir da implantação pelo Papa Nicolau V da Bula Romanus Pontifex de 1454 a qual autorizou a vinda de europeus para as américas, mas ampliou a mercantilização e desumanização dos corpos negros.

Pois, desde finais do século XV até meados do século XVI, Carmo (2020, p. 47 – *tradução nossa*) pessoas escravizadas participaram na extração de sal no estuário do Sado, perto de Setúbal (Portugal), para onde eram enviadas pelos seus senhores agrícolas durante o verão. E a presença de africanos escravizados em Lisboa e Setúbal, bem como nos campos agrícolas próximos e nas atividades estuarinas do Tejo e do Sado, está bem documentada. Carney (2018, p. 27 - *tradução nossa*) apresenta uma história da transferência de tecnologia desde as sociedades produtoras de arroz da costa da Alta Guiné até à Carolina do Sul, nos Estados Unidos da América (EUA) modernos. Com a mudança para um sistema de marés de arroz baseado no conhecimento (e sementes de arroz africano, *Oryza glaberrima*) trazidos por africanos escravizados das regiões onde estes sistemas foram estabelecidos há muito tempo. Em muitas das diversas tecnologias utilizadas no desenvolvimento português figuram africanos e descendentes.

Ao citar os tipos de trabalhos que os negros realizavam na Europa em países como Espanha e Portugal, Macedo (2014, p. 105) nos relata que os escravos negros costumavam trabalhar nas minas, nas explorações agrícolas ou na construção; eram soldados, guardas, serviçais domésticos, correios, lenhadores, operários nas fábricas, e no caso das mulheres, concubinas. Somando-se a esta pesquisa, têm-se que um fato pouco disseminado é que os negros escravizados vieram com conhecimentos diversos e de técnicas do continente africano. Cunha Junior (2010, p. 28) nos diz que, as partes das influências técnicas da África sobre o Brasil durante o escravismo criminoso, a exemplo, da taipa (conforme item 4.4.1), do adobe, dos trabalhos de tecelagem, carpintaria e marcenaria, da fabricação de sabão e da agropecuária.

Sobre as várias contribuições e construções dos negros em terras brasileiras os autores se somam, onde, Queiroz (2023, p. 59), [...] é comum no dia a dia brasileiro se falar em escravizados sem a devida análise da história e dos fatos, onde, temos de entender que os africanos vindos para as colônias tinham conhecimentos, sabiam manusear e construir instrumentos e construíram esta nação brasileira. Oliveira (1997, p. 50) Face ao seu conhecimento ou atividade diária na África, os africanos eram trazidos estrategicamente de determinado local africano para desempenhar atividades específicas nas américas, Cunha Junior (2019, p. 67) nos complementa que no Brasil se desenvolveu uma situação interessante onde contraditoriamente ao que se pensa através dos modelos eurocêntricos os escravizados tinham o domínio, não só mas também, das técnicas e culturas como agropecuárias, metalurgia, tecelagem, marcenaria, conhecimentos que permitem a vida e a produção em regiões tropicais e os escravizadores apenas o domínio da imposição do poder e da dominação pela violência sistemática. Os escravizados e escravizadas vinham de cultura com formação histórica muitíssimo mais longa e mais elaborada que os escravizadores, sendo que no processo de dominação não bastou a violência física, foi necessário para o escravizador a sistemática negação da competência dos escravizado(a)s.

Outro fato de destaque é que o Brasil iniciou suas importações do Continente Europeu somente no século XVIII, antes disso, as importações vinham do Continente Africano. O que se ampliou com o comércio triangular, Andrade (2018, n.p.) nome atribuído às relações comerciais estabelecidas entre três continentes do mundo: África, Europa e Américas [...]. Os europeus e suas metrópoles como Portugal, Espanha, Inglaterra e França encabeçaram esta forma de exploração e fizeram do mundo atlântico um negócio bastante lucrativo.

Walter Rodney foi um historiador nascido na Guiana que estudou a forma de crescimento europeu pela exploração e invasão do continente africano (RODNEY, 1974, p. 291) – no livro: “Como o Europeu Subdesenvolveu a África”. Traduzido para o português e editado em 1974). No seu estudo ele mostra que o continente africano tinha um grande desenvolvimento econômico antes de 1500 e que foi apagado pelo despovoamento do tráfico de cativos africanos e das lutas militares pela ocupação do território que duraram 400 anos. Mostrou que o acúmulo pré-capitalista na Europa foi consequência das colônias, imposta nas Américas, com trabalho de escravizados e das ações de exploração no continente africano.

Deste conjunto de informações é que podemos deduzir sobre os conhecimentos inscritos por africanos e descendentes na formação da cidade de São Paulo em particular, mas do Brasil como um todo. Podemos também concluir a subvalorização imposta na história oficial da cidade de São Paulo sobre a presença da população negra.

## 6 OS JARDINS DO TERREIRO E OS TIPOS DE PLANTAS

O Axé Ilê Obá é primeiro terreiro de Candomblé da cidade de São Paulo a ser tombado como patrimônio material e imaterial. O nome em Yorùbá “Axé Ilê Obá” significa “A Força da Casa do Rei” e sinaliza uma instituição de religião africano tradicional. Hoje o terreiro tem a sua continuidade na terceira geração e sob a liderança espiritual de Mãe Paula de Yansã, então suas raízes e continuidade desde 1950 faz parte da realidade paulistana.

Sobre o seu caminho em terras paulistanas, Queiroz (2023, p. 61) no seu trabalho: Orixás e a sua complexidade sistêmica com Design, Arquitetura e Urbanismo e Arte no terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo, faz um resumo das décadas de luta deste povo negro, onde o terreiro teve início de suas atividades na década de 1950, no centro da capital paulista, com o Babalorixá Caio de Xangô, na Congregação Espírita Beneficente Pai Jerônimo. Em 1960 a casa reabriu no bairro do Jabaquara, na Rua Mucuri, devido a necessidade de mais natureza, crescimento no número de filhos de santo e entre outros os problemas com a “Polícia de Jogos e Costumes”. Em 1965, com recursos próprios e com a ajuda dos filhos de santo, iniciou-se a construção da atual sede que Pai Caio chamava de “Palácio de Xangô”. Então em 1975, se fundou oficialmente o Axé Ilê Obá e se transferiu suas atividades para a sua nova sede, em uma área de 4.000 m<sup>2</sup>; em 1990 o terreiro foi tombado pelo CONDEPHAAT de São Paulo, sendo no Estado o primeiro da categoria reconhecido.

A natureza é importante para a vida humana e essa importância é um dos fundamentos das religiões de matriz africana, dessa importância é nasce o jardim do terreiro Axé Ilê Obá. Ao se analisar tecnicamente uma árvore, têm-se vários parâmetros para ser analisados, mas como recorte da análise das espécies mais comuns encontradas no terreiro, serão analisadas neste trabalho, as árvores, Verly (2021, n.p.) sejam, Gimnospermas (Coníferas) que são plantas que não possuem frutos envolvendo as sementes ou Angiospermas que significam sementes na bolsa, e produzem flores e frutos e suas sementes ficam em seu interior, apresentam caule do tipo tronco. Conforme o Catálogo de Espécies Ornamentais - Arbusivas (s/d), “Arbustivas” são as plantas lenhosas ou semilenhosas, cujo caule é ramificado desde a base da planta, não havendo um tronco indiviso como nas árvores. E as plantas xerófitas, conforme Drumont (2021, n.p.) elas são originárias de locais áridos, faz parte da família botânica cactácea que é um tipo de suculenta por acumular água em suas folhas, por isso a principal característica dessa espécie é ter as folhas e caules bem gordinhos. Sua estrutura normalmente forma rosetas que lhe permite a exposição máxima ao sol, permitindo que as plantas capturem e direcionem a umidade para raízes.

No terreiro a natureza são energias divinizadas, de acordo com as lendas yorùbás, os orixás vieram do espaço sagrado para a terra, e deixaram para os seres humanos as instruções de como deveriam ser cultuados no futuro. Queiroz (2023, p. 135) [...] na cultura do candomblé as plantas e árvores têm um valor significativo no que tange à identidade religiosa, pois mostram o espaço como um lugar sagrado e de culto as divindades, a qual simboliza a união entre a terra (Àiyé) e o sagrado (Òrun). Entende-se que a árvore pode ser um local de morada ou uma passagem de energias e divindades, através de seu tronco sagrado, sendo que ele é fluídico, disperso e ilimitado.

No Brasil o Irocô habita, principalmente, a Gameleira, (*Ficus insipida*). Então, supõe-se segundo a mitologia iorubana que o “Tempo” que é cíclico na perspectiva da cultura africana, se contenha no caule desta árvore. Foi a primeira árvore plantada na terra, por onde desceram

todos os Orixás, por este motivo é o líder de todos os espíritos das árvores sagradas, sendo o inquíce ou orixá da atmosfera, tempestade e vento, sendo uma conexão entre o mundo material e o espiritual. (Costa, 2024, n.p.) “No Axé Ilê Obá ele está ligado ao culto de Orixá Xangô que é o nosso orixá fundador, nosso Iroko já sentiu a força de dois raios em cima dele em dois momentos distintos, se partiu em duas partes mas sobreviveu, e renasceu mais forte.” - representado na Figura - 4. Soma-se a este depoimento que conforme sua imagem registrada o seu formato está em formato de rosetas o qual lhe possibilita maior captação de luz. Agora as Figuras 5 e 6 há outros dois tipos de árvores com tronco, ou sejam Gimnospermas, onde na Figura 5 – temos uma jaqueira chamada de Opaka, ligada ao culto das Mães Ancestrais (Yas), veja a seguir no depoimento dado pela Ebomi<sup>1</sup> do terreiro Axé Ilê Obá e a riqueza de informações:

“Minha família está no Axé Ilê Obá desde 1993, lembro da minha madrinha e tia Elisete fazendo as atividades no terreiro, bem eu era pequena e a acompanhava (Elisete Maria de Deus, filha de Inasã e Xangô – Ekedí no Axé Ilê Obá). Bem você sabe que as Ekedis são escolhidas especialmente pelos Orixás e recebem a função de cuidar! [...]). Então lembro de minha Tia dizendo: que sem folha não há Orixá, as árvores são sagradas para o culto de vários Orixás. No caso específico de Apaoca ou Apaoka a jaqueira, esta árvore faz parte do culto de Yas (Mães ancestrais que são feiticeiras) no sentido de energia e intuição que elas têm. No candomblé de Keto há o culto de Oxóssi, Apaoka seria o lugar que habita a Mãe de Oxóssi, que possibilita a fertilidade da terra, garante boa colheita, por isso ofertamos grãos de todos os tipos. Diz o mito que “O grande caçador” (Oxossi) se esconde dentro da árvore, ficando invisível aos inimigos e sobrevivendo da água e do fruto da Grande Mãe, se quiser fazer pedidos pode arriar canjica cozida pedindo saúde e prosperidade [...]”. (DEPOIMENTO DE RENATA LUISA DA COSTA em 07 de Fev 2024 às 10:10)

E na Figura 6 – se tem a árvore do Senhor dos caminhos, das encruzilhadas e demandas. Ao entrar e ao sair do terreiro se deve pedir licença para ele através dela.

Figuras 4 – Representação do Yroko. Figura 5 – Representação do Opaka. Figura 6 – Representação do Senhor dos Caminhos, todas as imagens no terreiro Axé Ilê Obá (esquerda para direita)



Fonte: Fotos – Nice Gonçalves, 2023.

<sup>1</sup> Ebomi ou ebomim - é um adepto do candomblé que já cumpriu o período de iniciação, (iaô é aquele que fez iniciação na religião)

E nos corredores do terreiro há vários vasos com diversos tipos de plantas tanto de tronco como de arbusto, conforme Figura 7. Todos esses elementos da natureza são conservados devido alguma explicação de conservação da saúde e de prática do culto religioso.

Figura 7 – Corredor do terreiro com vários tipos de plantas nos vasos.



Fonte: Fotos Nice Gonçalves, 2023.

Na parte interna nos diversos espaços, também há plantas que se estruturam como arbustos, representados nas Figuras 8 e 10 – Dois tipos de plantas em formato de arbusto, entendendo que toda a natureza tem energia.

E os cactos, demonstrado na Figura 19, vale ressaltar que esta planta ultrapassou o telhado da casa ao seu lado e compete em tamanho com o muro do local.



Figuras 8, 10 – Plantas em formato de arbustos (laterias) e Figura 9 – Uma suculenta (meio).

Fonte: Fotos – Nice Gonçalves, 2023.

Sendo que os exemplos apresentados nas fotografias desse texto fazem um registro documental do jardim desse terreiro, como exemplo da importância da natureza nas religiões de matriz africana.

## 7 CONCLUSÃO

A historiografia clássica do século passado retirou a importância das pessoas escravizadas e seus descendentes como profissionais e como participantes do desenvolvimento das cidades. Reduziu a população escravizada apenas a força física e retirou dessa população ação da criação e da produção do espaço e de agente transformador histórico. São Paulo foi construída por mãos africanas que face ao seu conhecimento ou atividade diária na África, eram trazidos estrategicamente para desempenhar atividades específicas nas Américas. Esse é reconhecimento histórico em construção e esse artigo é uma pequena contribuição nessa direção.

Os africanos traficados pelo escravismo criminoso detinham muitos conhecimentos que são negligenciados ou apagados, em face dessa necessidade de uma história fidedigna, é necessário seu resgate. Compete às pesquisas históricas e urbanísticas em curso fazerem esse resgate e como isto combaterem as formas de discriminações que sofrem as culturas de base africana e em particular as religiões. O reconhecimento dos patrimônios históricos e seu estudo é fator relevante para perpetuação e continuidade do grupo.

Nesse artigo desenvolvemos a apresentação do terreiro Axé Ilê Obá e destacamos os seus jardins como parte do paisagístico da cidade, que possibilita uma relativa perpetuação da natureza e a realização de uma filosofia de sustentabilidade de base africana. As regiões de matriz africana são motores da preservação da natureza por compreensão teológica e essa prática é explicitada no terreiro Axé Ilê Obá e sendo parcialmente registrada por fotografia e explicada nesse artigo.

O terreiro em plena metrópole paulista é um pequeno acervo vegetal, um patrimônio voltado para a ancestralidade africana, faz parte de cultura da população negra e da cidade de São Paulo. Pode ser contado como uma das tradições culturais da cidade. Destacamos que uma vez que cultura de religiões de matriz africana tem muito de oralidade, entende-se que escrita desse artigo preencha uma lacuna quanto os afazeres diversos dos seus frequentadores dos terreiros, possibilitando uma ampla disseminação dos conhecimentos dessa cultura. Constatando-se nesse artigo a importância e a força deste grupo parte da população da cidade de São Paula para a preservação da natureza e paisagismo na grande metrópole.

## 8 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. Comércio triangular. Site InfoEscola – Navegando e Aprendendo. S/d. Disponível em: Site: <https://www.infoescola.com/brasil-colonia/comercio-triangular/#:~:text=O%20com%C3%A9rcio%20triangular%20iniciava%20com,produtos%20estes%20que%20eram%20cedidos>. Acesso em 04. Fev. 2024.

ANTUNES, Fátima. A casa-sede do Sítio da Ressaca - Coluna Ladeira da Memória 16:07 31/08/2010. Disponível em: Site - - [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio\\_historico/ladeira\\_memoria/index.php?p=8218](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/ladeira_memoria/index.php?p=8218). Acesso em 20. Abr. 2022.

BERLIN, Ira. Gerações de Cativo. Rio de Janeiro: Editora Record, ISBN 85-01-06909-4, 2003

CARMO, Miguel et al. African Knowledge Transfers in Early Modern Portugal: Enslaved people and rice cultivation in Tagus and Sado rivers. *Diacronie. Studi di Storia Contemporanea*, 44, 4/2020. ISSN - 2038-0925. Disponível em: Site - <http://hdl.handle.net/10362/110387>. Acesso em 27 Jan. 2024.

CARNEY, Judith A. Black Rice: The African Origins of Rice Cultivation in the Americas. **Harvard University Press**, ISBN 0674008340, 2009.

Catálogo de Espécies Ornamentais - Arbusivas. Divisão de Produção e Herbário Municipal 21p. Disponível em: Site - [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/meio\\_ambiente/Cat%C3%A1logo%20das%20Esp%C3%A9cies%20Ornamentais%20Arbustivas.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/meio_ambiente/Cat%C3%A1logo%20das%20Esp%C3%A9cies%20Ornamentais%20Arbustivas.pdf). Acesso em 04 Fev. 2024.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Tecnologia africana na formação brasileira. **CEAP**, 1ª edição, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. URBANISMO AFRICANO: 6000 mil anos construindo cidades (uma introdução ao tema). **Teias** (Rio de Janeiro), v. 21, p. 371-382, 2020.

\_\_\_\_\_. Bairros negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as** (ABPN), [S.l.], v. 11, n. Ed. Especial, p. 65-86, maio 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: Site - <http://abpnrevista.org.br/site/article/view/683>. Acesso em: 08 Jul. 2022.

\_\_\_\_\_. A estrutura da casa separada do fechamento: a casa de varre-sai produzida pelos escravizados do Vale do Carambola. In: **4. Seminário Brasileiro de Arquitetura Vernácula Popular**: tradução e contemporaneidade. Universidade Federal Fluminense. 2024.

DRUMOND, Fernanda. Cactos: tudo sobre a planta e um guia completo para cuidar do seu! Publicado em 29 DEZ 2021 – 08h05min. Disponível em: Site - <https://revistacasa Jardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/Plantas/noticia/2021/12/cactos-tudo-sobre-planta-e-um-guia-completo-para-cuidar-do-seu.html>. Acesso em 04 Fev. 2024.

Estadão Acervo A destruição dos documentos sobre a escravidão. Publicado em 14 de dezembro de 2015 às 00h09 minutos. Jornal o Estado de São Paulo. Disponível em: Site - <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-destruicao-dos-documentos-sobre-a-escravidao-,11840,0.htm>. Acesso em 04 Fev. 2024.

HARRIS, Joseph E. A Diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo. In: **História geral da África**, V: África do século XVI ao XVIII, 5, p. 113-136, 1992.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE Destaques. Disponível em: Site - [https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm\\_source=ibge&utm\\_medium=home&utm\\_campaign=portal](https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal). Acesso em 01 Fev. 2024.

LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci Del Nero; KLEIN, Hebert S. (Orgs.). **Escravidão em São Paulo e Minas Gerais**. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

OLIVEIRA, M. I. C. Quem eram os negros da Guiné? A origem dos africanos na Bahia. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 19-20, 1997. DOI: 10.9771/aa.v0i19-20.20947. Disponível em: Site - <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20947>. Acesso em: 2 Fev. 2024.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. **Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela**. 2008. 330p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PISANI, Maria Augusta Justi. Taipas: a arquitetura de terra. **Sinergia**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 09-15, Jan-Jun. 2004.

Portal da Indústria – “São Paulo”. s/d. Portal da Indústria. Disponível em: Site - <https://perfildaindustria.portaldaindustria.com.br/estado/sp#:~:text=125.232%20empresas%20industriais%20em%202021%20no%20estado>. Acesso em: 04 Fev. 2024.

QUEIROZ, E. G. **Orixás e a sua complexidade sistêmica com Design, Arquitetura e Urbanismo e Arte no terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo**. 177p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador – Bahia, 2023.

RIBEIRO, Fabia Barbosa. Vivências negras na cidade de São Paulo: entre territórios de exclusão e sociabilidade. São Paulo: **Projeto História**, n. 57, p. 108-138, Set.-Dez. 2016.

RODNEY, Walter. Como a Europa Subdesenvolveu a África. Lisboa, Editora Seara Nova, 1975.

SANTOS, Fabricio Forganés. GHIRARDELLO, Nilson. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e o espaço urbano negro na cidade de São Paulo pós-abolição. **Revista Nacional De Gerenciamento De Cidades**, N. (2019) - 7(53). 2019. Disponível em : Site - <https://doi.org/10.17271/2318847275320192175>. Acesso em 20 Jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Nilson. Reminiscências urbanas negras: a destruição das Igrejas das Irmandades dos Homens Pretos em Jundiá, Batatais e Guarulhos. **9o Congresso Luso-Brasileiro de Planejamento Urbano, Regional e Integrado e Sustentável**. ISSN 2525-7390. p.737-743. 2021. Disponível em: Disponível em: <https://pluris2020.faac.unesp.br/>. Acesso em 25 Abr. 2024

São Paulo é cidade mais influente da América Latina em ranking global. s/d. Disponível em: Site - [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140819\\_cidade\\_influente\\_saopaulo\\_hb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140819_cidade_influente_saopaulo_hb). Acesso em 30 Jan. 2024.

SATO, Maria Helena Yamamoto. **Técnicas construtivas em taipa de pilão**. Escola Politécnica Mestrado (Engenharia). Universidade de São Paulo. 89p. Ano 2011. Disponível em: Site: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3144/tde-26082011-140706/publico/Dissertacao\\_Marcia\\_Helena\\_Yamamoto\\_Sato\\_Corpo.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3144/tde-26082011-140706/publico/Dissertacao_Marcia_Helena_Yamamoto_Sato_Corpo.pdf). Acesso em 02. Fev. 2024.

SOUSA, Rainer. A chegada dos Imigrantes. Site: InfoEscola. (s/d) Disponível em: Site - <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/a-chegada-dos-imigrantes.htm>Veja mais sobre "A chegada dos imigrantes" em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/a-chegada-dos-imigrantes.htm>. Acesso em 12 FEV 2024.

SOUZA, Ney de. **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo**. São Paulo: Editora Paulinas, 2004.

VERLY, Otávio. Identificação das espécies pelas características do tronco. Publicado em 20 de Julho de 2021. **Matanativa**. Disponível em: <https://matanativa.com.br/identificacao-de-especies-pelas-caracteristicas-de-tronco/>. Acesso em 04 Fev. 2024.

#### Entrevista

COSTA, Renata Luisa. Entrevista sobre "**Lembranças sobre as Árvores no terreiro Axé Ilê Obá ensinadas por sua Tia Ekedí Elisete**". Local: Axé Ilê Obá, São Paulo. Entrevista pessoal concedida a [Eunice Gonçalves Queiroz], em 07 de fevereiro de 2024.